Mesa redonda **Reforma psiquiátrica no Brasil: avanços e desafios**

Ana Maria Fernandes Pitta
Sandra Maria Sales Fagundes
Sônia de Fátima Rosa

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PITTA, A.M.F., FAGUNDES, S.M.S., and ROSA, S.F. Reforma psiquiátrica no Brasil: avanços e desafios. In: BARROS, S., BATISTA, L.E., and SANTOS, J.C., comps. *Saúde mental e reabilitação psicossocial: avanços e desafios nos 15 anos da Lei 10.216* [online]. Uberlândia: Navegando Publicações, 2019, pp. 25-42. ISBN: 978-65-81417-07-9. <https://doi.org/10.7476/9786581417079.0003>. Transcrição dos Anais do II Encontro de Saúde Mental - Reabilitação Psicossocial: avanços e desafios 15 anos após a Lei 10.216, Uberlândia, MG, 2016.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Mesa redonda — Reforma psiquiátrica no Brasil: avanços e desafios

Coordenação: Prof.^a Dr.^a Fernanda Nicácio. Terapeuta Ocupacional, Professor Doutor do Departamento de Fonoaudiologia, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da USP

Prof.^a Dr.^a Ana Maria Fernandes Pitta

Médica, Psiquiatra, Professora do Departamento de Medicina Preventiva da USP (aposentada), Professora Adjunta da Universidade Católica do Salvador/UCSAL, Presidente do Capítulo Brasileiro da World Association for Psychosocial Rehabilitation, Ex-Coordenadora da Área Técnica de Saúde Mental do Ministério da Saúde do Brasil.

É um prazer imenso olhar essa sala toda colorida e já fazer uma certa observação feminista, feminina e médica. [Risos]. Contra qualquer cismo. Viu, Fernanda Nicácio? Você que é professora da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Mas olha, é um prazer imenso.

Eu lamento que Sônia não esteja aqui por que eu iria fazer a primeira referência a ela própria. Sônia é uma mulher que é baiana aliás, vivemos a primeira infância no mesmo Largo do Pelourinho. Mas eu a conheci em São Paulo, quando começamos uma guinada da política de saúde mental nos anos Montoro e Sônia foi uma companheira, junto com outros, alguns eu identifico aqui, que puderam, na elaboração daquela cartilha de saúde mental, romper com a hegemonia e aí sim, uma hegemonia psiquiátrica absoluta. São Paulo tinha o maior contingente de leitos psiquiátricos no país, a maioria lucrativa à indústria da loucura. (Deixa eu pegar aqui o meu relógio, para ajudar.) Então, ela está aqui... como, também, eu acompanhei meu querido Pedro Gabriel, os primeiros três anos, no Ministério. Mas, foi fundamental ter Sônia Barros, não é? O então secretário da SAS, o Renilson também, cuidando das possibilidades concretas. Política se faz com ira, amor e dinheiro. E eu acho que a Sônia foi, uma pragmática crítica na obtenção dos recursos que fizeram viável a reforma psiquiátrica brasileira. Eu acho que o Pedro vai poder falar sobre isso também. (Agora, para eu ir mudando isso, sou eu própria que tenho que fazer, não é? Eu não sou boa nessas coisas, mas, vou tentar. Como é que faço? Vou

passando aqui para frente, é isso?) Então gente, olha eu quero ser a “poeta da esperança”. Mas, a gente não pode deixar de falar de muitas perdas e tristezas que a gente experimenta, particularmente nos dias de ontem e hoje. A madrugada de hoje foi trágica, mas, começamos o dia com uma notícia muito triste, eu queria fazer uma referência, eu sou corintiana e realmente a perda de vida de jovens no futebol que talvez seja atualmente a única alegria nacional, não é?

Foi uma coisa difícil, mas, ter aprovada a PEC55, eu localizo como o golpe militar instituído. Porque, para um governo transitório de dois anos aprovar medidas que nos amordaçam 20 anos, a nossa ditadura militar não durou tanto, porque ao final, aproximando-se os 20 anos, a gente já estava no movimento de abertura. Agora a gente prescreve o fechamento por 20 anos. Eu estou bastante paralisada ainda com isso.

[Aplausos]

Então, eu tenho que falar, fazer algumas referências históricas, não é? Eu passei muito rapidamente pela coordenadoria de saúde mental nos anos Montoro, foi quando eu conheci a Sônia. Depois eu voltei para a Universidade, o Departamento de Medicina Preventiva que teve uma ação bastante intensa na criação do núcleo do [centro] de saúde mental, na vinda e na recepção de todas essas pessoas maravilhosas, inclusive o meu querido Benedetto Sarraceno, que pôde nos ajudar a pensar ideias, a pensar o novo para a cena brasileira. Mas, quando eu estava no Canadá fazendo pós-doutorado, recebi um dia um telefonema que uma outra pessoa muito querida, que vocês vão ouvir falar que é o Domingos Sávio, me convidando para ser coordenadora de saúde mental. Era plena época tucana e ele tinha me pedido isso. Mas, como eu tinha ido ao pós-doutorado por um ano, eu tinha de vagar esse meu tempo na universidade e aí, coisas da vida, do amor me fizeram poder me afastar e assumir a coordenação de saúde mental, num contexto extremamente difícil.

Nossa, o meu querido Alfredo Schechtman, que foi valioso na assistência. Aliás, ele chegou a assumir a coordenação de saúde mental para me esperar, não é? E mais umas quatro pessoas. Então era uma coisa pequena, mas, poder ter um certo horizonte nos ajudou bastante. Nos dez anos da lei de saúde mental, passei o título aqui, mas, vocês podem localizar, ele também me recomendou que eu fizesse uma reflexão sobre os dez anos da lei e a reforma psiquiátrica brasileira. E ele chegou a me fazer a provocação, por que nós temos as versões dos cariocas onde, a grande revolução começa no Rio de Janeiro. E eu tenho uma versão também, também firme, que São Paulo é mãe, não é madrasta. Merece voltar a tempos melhores. Você sabe que eu sofro mais com os resultados eleitorais de São Paulo do que Salvador. Por que Salvador não tem muito jeito. Agora aqui não, aqui

eu cultivo a minha esperança. Então esse trabalho fala do meu modo de ver, por que aí eu descobri isso. Parei de brigar com Paulo Amarante desde que eu descobri que cada um vê o mundo conforme o seu coração, seu olhar, a sua alma e a sua formação. Então aqui tem escrito e o Benedetto, vários amigos comentaram, ele também participou de uma boa coletânea que é um artigo bom, muito bom do Pedro Gabriel.

Enfim, vale a pena para vocês que são estudantes ver esse número que foi lançado em 2012, mas, é um número de dezembro de 2011, justo nos dez anos. A lei só existiu para inscrever o nosso processo de luta. E agora, com essas leis espúrias que a gente está conseguindo produzir para o Brasil, eu temo muito e até briguei, cadê meu querido Tykanori quando ele disse: “Essa lei não agradou a ninguém!”. Foi a lei possível, claro que ela começou mais radical, prescrevendo a não existência de qualquer hospital ou leito psiquiátrico e a gente teve de negociar. E, quando eu entro para a coordenação de saúde mental, eu justo entrei acompanhando Paulo Delgado, que vai falar hoje à tarde. Mas, visitei muito senador, muito deputado, ouvi muita baboseira, mas, nada que se comparasse aquela demonstração espetacular do processo de impeachment de Dilma Rousseff e o que é atualmente a composição do nosso Congresso Nacional. Vergonhoso, lastimável, individualista, etnocêntrico que obviamente não é o cenário melhor para avaliar políticas públicas nacionais generosas, universais, solidárias como precisamos para que as coisas caminhem. (Eu estou aqui olhando para ver o tempo) Eu fiz uma certa avaliação que, apesar das condições desfavoráveis, nem sempre trabalhamos em condições favoráveis, aliás, a maior parte do tempo trabalhamos em condições desfavoráveis; mas nós sacamos os serviços assistenciais terapêuticos, os medicamentos psiquiátricos básicos que hoje a gente não tem garantia. Sacamos humanização propostas de hospitais gerais, onde habitualmente a presença de serviços de psicologia e leitos psiquiátricos dos Estados gera uma consequência da discussão das humanizações. E percorremos vários lugares fazendo isso. Claro que assistimos ao longo desse tempo que uma política de álcool e drogas que se instituiu, uma política de, quer dizer, pelo menos propostas mais concretas de infância e juventude.

Mas, eu devo fazer, vocês devem fazer um reconhecimento que tanto Domingos sabe, eu herdei várias coisas dele, inclusive um grupinho na área de álcool e drogas, mas, que nós fizemos um documento, não é? Então, eram pessoas realmente hard, mas, fizemos alguns trabalhos nessa direção. E me lembro com muita gratidão de uma pessoa que, no desespero e numa solidão absoluta do planalto até por que tinham tirado a Comissão Nacional de Saúde Mental do Conselho Nacional de Saúde. E eu, numa negociação extremamente dura com Nelson Rodrigues do Santo, companheiro de partido, voltei

a reintroduzir, não mais com quinze pessoas porque, estava normatizado que seriam sete ou nove. E aí, por isso, minha amiga Miriam ficou zangada comigo, por que nós tínhamos realmente que restringir mais, garantirmos o retorno da Comissão Nacional de Saúde Mental. Mudamos o número, a reforma psiquiátrica voltou com saúde mental, fruto de intensas negociações para que pudéssemos avançar. Acompanhei nesse período, a lei saiu, já tinha onze anos, quer dizer, ela foi aprovada com doze mais ela tinha onze anos no Senado. E o reconhecimento público, habilidade parlamentar de Delgado para que isso pudesse caminhar. E a lei é homologada pela presidência da República e ela já nasce velha e, obviamente começa a envelhecer, por que leis existem para ser marcos históricos. E se a sociedade avança e se modifica, deve haver mudanças na legislação que acompanhe. O problema é que, a sociedade brasileira avançou, mas, não tanto.

E agora a gente está vendo nesse movimento internacional de ‘endireitização’ do mundo, o Brasil não ficou de fora. E a ‘endireitização’ do Brasil nos torna ameaçados de todas as coisas que a gente alcançou. E aí vem a era Pedro Gabriel, dez anos. Sônia Barros junto com ele, todo crescimento da política de saúde mental no país. Mas, políticas consolidadas nas nossas conferências nacionais de saúde mental e aí eu faço uma ressalva de que deveríamos ter investido mais na politização da política. Por que, eu fiz uma observação. Da primeira conferência nacional, que foi uma pioneira, mas, foi imposta, para a segunda, demoramos cinco anos. Daí em diante ele começou a demorar dez anos. E agora já tem seis anos que nós, que acordamos, que deveríamos atualizar esse compromisso não tanto pela força política que nós temos, mas, para que isso fique dentro do coração da gente. Eu gostei daquela conversa, não é?

Democracia pela emoção, pelo coração. Para fazer isso eu preciso humanizar a discussão democrática e para humanizar a discussão democrática, é necessário isso, gente. Só se humaniza com humanos. Então, precisamos ter sistematizado encontros periódicos para atualizar e expor nossas ideias, nossos compromissos democráticos. Então, encontrei o Desvati, ele me emprestou um livro e, eu lendo o livro dele fiz uma coisa parecida. O que caracteriza a reforma psiquiátrica e o que podemos perder com esses novos modelos neoliberais que estão franco vigor. Então, de um lado, integração de todos os recursos públicos. Foi isso que a gente buscou, não apenas na saúde, mas, na Intersetorialidade, promoção social, justiça, buscamos integrar os recursos para fazer uma boa política. Nesse momento, está o contrário. Fragmentação de recursos e também do cuidado.

Agora está na moda consultas médicas, plano de saúde acessível, várias coisas que me pareciam caducas, que já não estavam mais em voga, que nós trabalhamos, estudamos

saúde pública, planejamento, sabemos que não vai dar em nada. Nós não temos condições de oferecer um plano acessível, privado de saúde para 200 milhões de habitantes por essência. Não temos. Mas, é isso que está posto. Por quê? Porque o atual ministro da saúde é absolutamente ligado e eleito por donos de planos de saúde. Três minutos e eu não falei nem a metade. Olha, eu fiz fortalecimento na continuidade do cuidado, até então descontinuidade medicalização e modelos assistencialistas. A menção comunitária para casos severos e persistentes e, em contrapartida o novo modelo está propondo retorno às comunidades terapêuticas, que nada mais é do que manicômios fechados, são instituições fechadas, precisamos deixar isso claro. E mais ainda, obviamente que, para todos os casos é necessário a gente pensar em vários níveis de intervenção. Mas, tudo que é muito grande, a comunidade terapêutica que eu tenho na Bahia tem mil camas. A maioria para adolescentes. É a comunidade do Doutor Jesus, que se elegeu deputado estadual, sargento Isidoro. Então a gente precisa denunciar, precisa falar sobre isso e denunciar, porque o que está realmente em vigor é uma retomada de um modelo arcaico que a gente já tinha avaliado, já atualizamos em todas as conferências e invocando a outra lembrança ótima, Geraldo Peixoto sempre falava com grande força de que não é esse o cuidado que ele quis para o seu filho, não é? Então, para o sonho da cobertura universal, a privatização da área básica.

Como eu serei obediente porque a democracia é a mais bela invenção humana, mas, a mais difícil, eu obviamente vou deixar de lado uma reflexão que continua, recobre participação, autonomia, a gente devia ter feito uma crítica, porque, se a gente assume o *recovery*, a palavra *recovery* que está hiper na moda agora no Brasil, nós deixamos de lado até a história do *recovery*. Eu estive em 80 em Guernavaca, quando homenageamos Franco Basalia que havia morrido, mas, fomos surpreendidos por uma vitalidade incrível dos *recoverianos* da Califórnia que lançaram seu livro “história do eletrochoque”, muito bom e que já trazia a discussão da necessidade de eles serem sujeitos da sua história e subordinarem tratamentos, modelos, injeção a sua discussão. Então, anos oitenta às vezes ajuda, por que aí você é testemunha ocular. E aí eu não posso deixar de dizer, eu trabalhei com Nise da Silveira, ela trouxe uma forma especial de resgatar sujeitos e história, mas, era uma pessoa com quem eu trabalhei diretamente, eu vi o quanto aqueles usuários, eram usuários.

Na época, eu sou da clínica Dona Delfina, não sou do Botafogo. Então, estou falando da Dona Delfina, da casa das Palmeiras da Dona Delfina, por que aí eu fui brigar com o Eduardo e ele: “Não, por que ela estava no manicômio”. Não! Ela estava no manicômio, no Museu do Inconsciente por que também eu acho que, se a alternativa também não é

botar a banana e abacaxi na cabeça e dizer: “Olha, eu sou alternativo”. Ela trabalhou lá dentro, mas, lá dentro ela construiu uma inovação. E lá fora, quando o sistema de saúde era totalmente manicomial, nós chegamos a gastar 97% dos nossos recursos com hospitais, Nise da Silveira criou a Casa das Palmeiras. Como eu trabalhei lá e criei o primeiro CAPS, posso dizer para vocês que, há muito da Casa das Palmeiras em todos os CAPS e em especial aquele descrito como Jairo Goldberg descreve no livro: “Reabilitação Psicossocial”, aqueles que valem a pena, aqueles que fazem o trabalho com e não para, enfim... Embora qualquer que seja o CAPS eu defendo, viu? Por que vocês trabalharam bonito, é melhor um CAPS do que uma unidade de mil pessoas. Então, aí eu fiz uma reflexão teórica, já que como eu falei, sobre o neoliberalismo e as estratégias de vulnerabilização nossa, de exaustão, de cansaço. Nós estamos absolutamente massacrados, mas, não vai dar tempo de falar sobre isso. Ela vai passando aqui, o dia que vocês quiserem conversar sobre isso, eu estou me interessando sobre isso, neoliberalismo e como as formas, as técnicas de poder, não é? A forma de dominação, de exploração, de fazer com que você se sinta culpado e responsável pelas coisas que não acontecem e aí fica com insônia, não é? A indústria da depressão, não é? São coisas que a gente precisa discutir para não sofrer sozinhos e solitários. Aí eu vou passando aqui rapidinho, só com a fantasia de que está tudo passando na cabeça de vocês.

Smartphone, a tirania do Smartphone, não é? Ontem eu estava vendo duas pessoas sentadas e, quer dizer, você não precisa mais olhar no olho do outro, você já não precisa mais. Por que, o panóptico agora é digital, não é? Não precisamos mais ser panópticos, físicos porque nós próprios estamos regulando isso. Assim, eu estou falando todas essas coisas porque eu descobri um cara que vocês devem descobrir também. É um sul coreano que estudou metalurgia na Coreia do Sul, portanto fala aqueles negócios lá, mas, que devia ser maluco porque ele quis estudar literatura alemã. O nome dele é complicado Byung Chul-Han. Mas, o Han é fácil, H, A, N. Já tem um único livro traduzido no Brasil que é “A Sociedade do Cansaço”, que fala justo sobre esse nosso sistema de exaustão. Mas, tem a psicologia, política, tem livros.... Eu acho que ele é um cara, ele ensina filosofia atualmente na Universidade de Berlim, na Faculdade de Artes e Filosofia. Então, eu queria só para concluir, fazer um sacolejo. Vocês vão estar com Gastão Wagner, mas, eu vi a distância que eu não pude estar, ele dizendo que tem que sacudir a poeira para sair desse inferno em que nós estamos, porque é fundamental que saíamos daqui construindo esperança, bons acontecimentos. Não vamos nos deixar abater. Não vamos achar que a pior crise, porque isso é mentira.

Eu, na minha história de vida, já enfrentei crises muito piores, não é? A grande crise que eu estou vendo agora é a crise da ilegitimidade. Nós temos um presidente que não foi eleito para isso, nós temos, não é? Legislações, eles até estão brigando entre si. Ontem, vendo o desastre que estava acontecendo com relação à legislação. Eu até torci lá pelo pessoal que fez o negócio do movimento anticorrupção. Eles quase que perdoaram todos os pecadores para evitar, não é? O que poderia ser visto. Então, existe saída sim. Ao pessoal aqui do Ocupa, quem ocupou a Universidade, quem ocupou escolas, quem ocupou a coordenação de saúde mental, tem toda a minha solidariedade e apoio político, porque realmente em um momento em que a macro política não está sobre nosso governo, que se quer essa democracia frágil do voto, a gente está tendo controle, vamos buscar novamente as estratégias micropolíticas de luta. E vamos apoiar esse pessoal que tem coragem.

Dr.^a Sandra Maria Sales Fagundes

Psicoterapeuta, psicanalista e psicóloga do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, Ex-Diretora do Departamento de Atenção Hospitalar e de Urgência (DAHU) do Ministério de Saúde, Ex-Secretária Estadual de Saúde do Rio Grande do Sul, Ex-Diretora das Ações de Saúde (DAS) da SES-RS, Ex-Secretária Municipal de Saúde de Porto Alegre, Ex-Secretária Municipal de Saúde de Viamão, Professora convidada da Maestría en Salud Mental - Universidad Nacional de Córdoba- Argentina.

Bom dia a todos vocês. É uma alegria estar aqui. E a alegria é o que tem nos carecido ultimamente neste período internacional, particularmente, no nosso País. Então, quando a Sônia convidou, imediatamente eu aceitei. E também não foi difícil eu reagir, porque eu sou uma senhora aposentada faz uma semana. Então, aquela última apresentação, psicóloga da Secretaria Estadual de Saúde, é a última vez que eu escuto. Não sou mais! Já estou aposentada e, também, aprezei a aposentadoria em função de todos esses retrocessos que, evidentemente, se avizinham no meu Estado particularmente. Sou funcionária... viu?! Era funcionária do Estado do Rio Grande do Sul. Então, a convocatória é, mais do que nunca, (isso já foi dito aqui) da importância dos encontros, de produzirmos encontros que valham a pena, que façam a diferença. Então, mais do que nunca, nós precisamos buscar essas essencialidades. Não dá para viajar para São Paulo, ou não dá para vir aqui abrir uma agenda, e não fazer a diferença. Não valer a pena. Temos que produzir autoria.

Mais do que nunca, todos nós estamos convocados a fazermos história, tendo autoria. História é outra indagação.

Bom, antes eu vou falar dos avanços, pois aqui nós estamos diante de gerações novas. Então, assim como o Fidel morreu semana passada e deixou um legado. Nós temos mais tranquilidade em relação ao que vai acontecer na Ilha em termos que continuidade e de garantia de direitos, do que nós temos em relação ao nosso País. Hoje, com todas essas lutas democráticas brasileiras. As gerações que nasceram já no regime da Ilha de direitos e da igualdade com problemas que foram sendo identificados, só alguns resolvidos e outros não, mas todos nós já soubemos os índices de IDH, a baixa a mortalidade infantil, o direito das mulheres ao aborto, as pesquisas, o avanço na saúde. Acho que aqui ninguém tem dúvida do que temos - de avanços e indicadores de qualidade de vida -, que se alcançou na Ilha. E tem uma geração que nasceu assim, pode achar que a vida sempre foi assim. Mas sempre teve o cuidado, de onde a gente conhece, que as gerações tivessem a real noção de como era e como é. Agora passa pelo teste, efetivamente. Bom, aqui os avanços muitas vezes, isto que Ana Pitta diz: olha, já se destinou 97% dos recursos da Saúde Mental para o Hospital Psiquiátrico, internação psiquiátrica. Isto, para alguns de vocês, pode ser um dado ou pode ser de menor importância. Mas isso exigiu muito trabalho, muita militância, muita direção, de coordenadores de saúde mental, como os que já tinha falado Ana Pitta, Pedro Gabriel, Tykanori. Essa reversão só aconteceu, de fato, em 2006. Um dos nossos professores, o Benedito Saraceno dizia... Depois eu procurava para pôr na minha dissertação onde é que estava escrito, não estava, era só fala, que o dinheiro tinha que seguir o paciente. Agora pelo menos na minha dissertação está escrito! Em outros lugares também. Diziam: não tem que ficar no hospital, porque não tem onde ficar; não tem família está abandonado; não tem vínculo. Mas lá ele tem casa, tem comida.... Ora o que se faz? Tira-se o dinheiro do hospital e leva o dinheiro para onde o usuário vai. Aí se cria a rede. Mas isso dá trabalho... A lei levou 12 anos para ser aprovada. Naquela época a gente tomava uísque de 12 anos, agora não sei se toma cachaça, um rum, para comemorar os 12 anos. Então, levou 12 anos para ser aprovada a lei. E por que que eu falo da cachaça e se reunir? Porque isso não se faz simplesmente na lógica racional. Sim precisamos dela, mas precisamos de redes quentes, precisamos de amigos. Nós precisamos daqueles que se viram na madrugada. As cartas mais bonitas para o Fidel, foram de pessoas que escreveram: perdi um amigo que eu ligava a qualquer hora da madrugada. Qualquer jornalista; Maradona; Mojica; Lula. Todos disseram: “perdi um amigo que eu podia ligar a qualquer hora”. “Marcamos entrevista às duas da manhã, eram seis horas da manhã e nós estávamos conversando”. Esta noção, da disponibilidade, da acolhida, nós

precisamos manter isso vivo. Como é que se faz isso? No cotidiano, nas universidades, no conjunto do trabalho, no dia-a-dia. Como abrir essa disponibilidade? O que nos ajudou? Nunca termos perdido de vista o que nós estávamos trabalhando: era na luta dos direitos, a cidadania, aos cuidados e nas construções de subjetividade. Pessoas com desejo, pessoas que, secularmente, estavam alijadas disso.

Estavam interditadas nessa questão. Então, nós somos dos Movimentos Sociais.

Por que que nós nos destacamos lá na década de 80, e 90 junto com o MST? O MST, foi o único movimento do mundo que quando tudo se urbanizava, ele voltava para o campo. Isso Sebastião Salgado registrou. Era o único movimento ao contrário da via migratória, reivindicando uma outra relação. Nosso movimento, na sua peculiaridade/singularidade, também, sempre soube de que lado estava. Na busca de direito e para que servia o ser trabalhador de Saúde mental e operador de saúde mental. Na luta pelos direitos, pela possibilidade do cuidado, efetivamente, em liberdade. De construção de laços para junto a sociedade, que estavam impedidos. Isto deu sentido para gente. Não é ao contrário! Porque hoje tem, CAPS, tem cooperativa, tem Centro de Convivência, tem atenção básica, tem apoio matricial. Tem uma série de dispositivos e serviços, que podem constituir a Rede. E a gente achar que o usuário tem que passar por tudo isso. E não é verdade! Não é assim, necessariamente. Nós não podemos perder a relação ética, política, com quem é que nós estamos trabalhando. Se a necessidade deles, de identificar laços social e vida, passa por convivência, passa por trabalho, passa por escolarização, também, que bom que tem um cardápio disponível, que a gente pode recorrer. Mas não obrigar o usuário seguir um roteiro rígido na vida, pois nós vamos estar reproduzindo o manicômio. Todas nós sabemos disso! Nos CAPS, que é o melhor CAPS do mundo - lembrando o Marcos Vinicius - o pior CAPS é o melhor do que o melhor hospício. Então, nessa direção, mas dentro do nosso cotidiano e ao falar de Micropolítica, e isso faz sentido, falar da Macro e Micropolítica dos nossos serviços. Se nós olharmos os planos terapêuticos dos singulares eles existem efetivamente ou não? Eles efetivamente seguem as necessidades dos nossos usuários ou não? E nós identificamos permanentemente que não! Como tem disponível um que canta, tem outro disponível que dança, tem outro disponível que é artista. A gente faz o usuário participar automaticamente disso como um robô e reproduzimos a mesma alienação anterior.

Um pouco melhor, vamos dizer, para o lado adaptativo, mas não para o lado libertador. Então, essas questões em relação isto nós precisamos manter vivo, isso é se fazer encontros. E aí tem algo que nada nos tira. Não tem ditadura que nos tire! O nosso exercício profissional, depende exclusivamente de nós. Se estamos na rua, estamos na

linha do metrô, no ônibus, onde nós estivermos, este encontro, o olhar, o bom dia, a boa tarde, o pegar no braço, o ser carinhoso, ser respeitoso, depende exclusivamente de nós. Essa é uma preciosidade e é um tributo de quem trabalha com saúde, de quem trabalha com os humanos, nada nos tira. Se nós temos a possibilidade desse encontro, nós temos muita autonomia nesse encontro: de gerador de poder, de gerador de novas realidades, de novos encontros. Então, isto nós precisamos cultivar. Nós precisamos manter essa questão, onde nós estivermos. Agora, onde nós estivermos e esse é o nosso tormento. Um de nossos tormentos atuais, é que toda essa Rede, toda esse investimento de recursos, sim corre risco! Esta Rede que, muitas vezes, nós já antecipamos e dissemos que é frágil.

Esta rede que tem profissionais de saúde, não em número suficiente, se sente sobrecarregados e que há necessidade de ampliar espaço de processo de trabalho e de diversificar as equipes de incluir informação. Esses continuam sendo nossos desafios, que a formação transdisciplinar, interdisciplinar nós vamos efetivamente produzir em território? Que tipo de pesquisa ou que tipo de investigação fazer? Ainda, quem faz pesquisas em território multiprofissionais é considerado multicêntrico? Ainda, quando fazem intervenção. Ainda é considerado, não ciência, ou não professor Universitário sério de verdade. Tenho uma amiga, encontrei com Sergio na vinda para cá, que faz trabalho desmedida lá no Rio Grande do Sul, e encontra o professorzão, sabe? Disse: não sei porque vocês ainda fazem isso? Quando é que você vai ser professora Universitária? São professores, e fazem aquelas publicações tipo A. Eu não sou professora. Tipo A, que faz publicação A, que tem progressão, que já tem herdado todas as progressões, que faz toda a burocracia que a Universidade exige da carreira. Eles olham com desdém, para quem faz pesquisa ação, para quem faz pesquisa intervenção, para quem faz pesquisa viva em ato. Também aí, e esse é um dos avanços, em 87. Nós não tínhamos ninguém na Universidade. Jurandir Freire era o nosso ídolo. O Benilton, o Birman, o Grupo da UERG, eram algumas das referências, felizmente, que a gente tinha. Nós líamos os mesmos livros. Hoje, felizmente, não é assim. Muitos de nós estamos na produção e não perdemos esse vínculo ético-político da transformação da realidade e de políticas públicas. O outro avanço, não há menor dúvida, que o empoderamento dos usuários é um fato.

Eu fui na apresentação de mestrado em saúde mental, em Córdoba, e não encontrei essa marca de participação dos usuários, na Argentina, e vários países na Europa, também, tem dificuldade de promover essa participação. A participação com autoria. Semana passada, retrasada, nós estávamos na discussão do “Ouvidores de Vozes”, que alguns aqui já conhecem, quando os usuários falavam, eles diziam, mais de um: “Olha,

a minha loucura (ouvir vozes), sim, me gerou sofrimento. Mas, graças a minha loucura, eu tô aqui falando. Eu aprendi a falar. Antes, eu não sabia falar e, se não fosse isso, eu não conseguiria falar”. Então, positivou algo que tinha que ser invisível, escondido, que gerava vergonha. O fato dele lidar com as suas próprias vozes, com a sua loucura, depressão e numa relação de respeito, de construção, de sujeito, permitiu que ouvisse a sua própria voz e começasse a falar sem vergonha. Então, o desavergonhar ainda está presente. Também, eu tive um orgulho novo, em Alegrete, que é 4 mil, 5 mil pessoas, desta vez foram 2 mil pessoas. Nós tínhamos perdido as eleições, nós estamos nesse período todo, e foram e uma das questões que as pessoas dizem dos usuários, dizem é perder a vergonha. Não ter mais vergonha da minha loucura da minha cabeça, o de pensar diferente.

Aqui nos braços abertos, de São Paulo, uma das situações que a Romena conta, um morador estava num Hotel antigo, não levava o familiar, mudaram para um Hotel mais adequado, melhor, bonitinho e bem arrumado. E ele trouxe a família e ele disse que “antes lá eu tinha vergonha de levar, aqui eu não tenho vergonha”. Então, opera essa lógica ainda entre a população que trabalhamos e precisamos trabalhar, na produção de subjetividade, rompendo com isso. Nós emprestamos o uso, nós precisamos oferecer nosso corpo, oferecer a nossa cabeça, oferecer a nossa prática, o nosso pensamento, o nosso conceito para essa transformação, para ter outro corpo, de outra pessoa, de outra subjetividade. E isso, nós precisamos aprender a fazer. A gente não nasce sabendo e muitas das nossas formações não nos levam a isso, ao contrário disso, que não se pode fazer isso. E o que nós estamos fazendo é sem esse uso não há travessia, não há essa produção efetivamente de futuro. Já está acabando o meu tempo. É uma das questões que aparece, do autor coreano, que ele nos traz. E aí vem esse tema de como é que a gente dialoga com quem que a gente está pensando e como. Nós temos que ter a capacidade um tema de complexidade, de que nós temos uma lógica de pensar que é continuidade, que é história que é vínculo, que é uma lógica de pensar o mundo, distinta do que é hoje o mundo. Este, da conectividade que o mundo hoje está vivendo, e a tese dele, é que não há aceleração do tempo, que o tempo que houve foi fragmentação do tempo. E o que se tem são poucos e que não tem continuidade. Então, o que tem e uma para dar um exemplo, ele diz, “uma coisa é experiência e experiência exige tempo contínuo” daí a experiência, nós sempre falamos da experiência da doença, da experiência do sofrimento, e daí aprender a lidar, e essa são as categorias que nós estamos trabalhando.

Agora, existem gerações e, hoje, uma cultura que não tem experiência. Ele fala em vivência instantânea, não tem memória, não tem atenção, não tem continuidade. Então, isto pode nos ajudar a entender algumas coisas, como por exemplo: combinam

pelo Facebook e milhares de pessoas vão protestar na Paulista. Depois no dia seguinte, para ir votar, não vão votar em quem propõem direitos e igualdade. Porque são outras lógicas. Se nós não entendermos que existem outras lógicas de estar no mundo, de pensar, de ter autoria. Nós não vamos chegar com as nossas categorias antigas, que ainda vale e na construção do sujeito, mas não são suficientes. Nós precisamos hoje, não são só os nossos usuários, nós trabalhadores, ou nós que já somos jurássicos e já fizemos história, estamos questionados nos que nós construímos e o que que é que nós temos que continuar fazendo para continuar vivendo e produzindo vida. Muito obrigada!

Sônia de Fátima Rosa

Presidente da Associação Mente Ativa de usuários e familiares de Saúde Mental de São Bernardo do Campo - SP.

Bom dia a todos! Eu sou a Sônia ou Soninha, como minha mãe me chamava. Hoje eu ainda, sou lembrada no conselho municipal de saúde em São Bernardo, além de ser da associação. Em 2017, passarei a ser representante da associação no conselho. Eu sou uma ex-paciente de manicômio. Puramente, aos 18 anos, meu pai teve óbito em 15 dias dentro do Lacan (Hospital psiquiátrico) que ainda resiste e insiste em permanecer no município. São Bernardo já não interna mais. Mas aí, o choque foi grande.

Eu trabalhava. Eu estudava. Estava fazendo técnico de administração. No fim de semana, eu ficava com algumas crianças, que eu participava de uma comunidade voluntariamente. Eu contava estorinha, brincava e passeava. Enfim, eu gostava de estar junto ali. Comunidade de jovens que eu interagia também. Essa notícia sobre papai, me deu um tranco. Foi muito duro e eu não conseguia melhorar dessa perda. Eu fui enfraquecendo no trabalho. Não queria nenhum tipo de relacionamento, chorava muito. Sempre aos cantos. Não consegui me limpar direito. Aí disse que precisava procurar um médico. Eu fui ao clínico e pedi para passar com psicólogo. Ele respondeu que iria me encaminhar para uma consulta com o psiquiatra e aí ele vê esse psicólogo para você. Eu disse está bem. E fui, mas não com a firmeza que estou hoje. Eu estava muito malzinha. Então, chegando ao psiquiatra, no antigo ambulatório de saúde mental de São Bernardo do Campo, ele começou a falar comigo. E no fim, ele disse que meu caso não era para psicóloga. Era caso medicamentoso. E aí, saí com uma sacola de remédios: Haldol e Akineton. Aí eu fui embora para a casa com aquela sacola. Eu gravei os nomes dos remédios, porque o tempo

passou e só me davam isso. Isso não me tratou e nem me destratou! E de vez em quando dava uns repuxes, que mais tarde eu aprendi que era reação extrapiramidal. Só que os médicos não falavam nada disso e continuavam a me passar sacolas dessas medicações.

Era manhã, tarde e noite. O médico mantinha a dosagem e não se preocupava em saber como eu me sentia. Se eu dormia ou não. Se eu chorava ou não. Se comia ou não. Nenhuma pergunta. Apenas prescrevia o mesmo medicamento. Isso foi me destruindo de tal modo, que foi necessário me afastar do trabalho. Precisava que alguém me acompanhasse. Falei isso a ele e a resposta foi: não, é isso mesmo. As consultas, sempre eram muito rápidas. Mal olhava para mim. Até que um dia ele disse para eu ir fazer uma consulta no hospital. Minha mãe me levou e foi a mesma coisa que aconteceu com meu pai: me internaram e disseram para ela: daqui 15 dias você poderá vir visitá-la.

O problema que com meu pai foi a mesma coisa e depois de 15 dias, quando fomos visitá-lo, recebemos a notícia que ele foi a óbito. O que foi um choque, porque ele veio de cabelo raspado, parecia que tinha alguns hematomas no corpo, alguns sinais de maus-tratos. Então, depois que entrei naquele hospital, a primeira coisa que levei foi uma injeção que me fez cair no corredor. Depois me arrastaram para um quartinho chamado quintelha, um quarto forte. E no chão eu fiquei, sem saber quantos dias se passaram. E num determinado dia, abriram uma portinha e colocaram um pratinho de comida.

Gente! Aquilo é absurdo, por ali você condiciona uma tortura. Hoje eu sei falar que é uma tortura, mas, na época, não entedia. Aí, de repente, chegou um dia que me falaram que chegou minha visita. Foi assim, a tortura, até o dia da minha visita. Depois, passou para os eletrochoques. E assim foi indo... torturas e eletrochoques. Contenção na cama. Ganhava maus-tratos. Eu falava e era ignorada. E mais tortura vinha para mim e para os outros. Eu via de tudo ali. Pessoas muito debilitadas, a ponto de não conseguir comer. Todos estavam uniformizados. Afinal era a primeira coisa que faziam: tiravam a sua roupa e seus pertences e lhe colocavam o uniforme. Corredores enormes, com teias de aranhas para todos os lados. Um pátio para você ficar. Você vai ficar ali, independente se está dopado ou não. Se tem condições ou não. O banho. Eles te davam um pedaço de sabão de fazer limpeza ou de lavar roupa, sabão barra. Mandavam fazer uma fila de manhã cedinho e distribuíam os pedaços de sabão. Era uma fila enorme. A hora da higiene era das 6 h às 7 h e depois íamos para a fila do café. Então, às 7h você já tinha que estar pronta para o café. Voltando para aquela fila enorme no corredor para entrar no banho. Você tomava banho com aquilo e eles pegam uma escovinha dental e colocava um cremezinho sobre ela e aquela filinha. O familiar não podia trazer nada. Enfim, eles vão te inutilizando. A dor da perda ali, é muito grande. E essa tortura do Haldol, que

eles dão... eles trituram no chá ou na água e faz você tomar. Um, pelo menos, segura o nariz, o outro segura os braços e empurram para dentro. Você tem que tomar. Você diz: “Não. Isso não está bom, eu não quero”. E prende os dentes e range para um lado e para o outro, sabe? Aquele movimento que eu conheço hoje, o movimento involuntário das mandíbulas, que eu acabei lendo depois. Então, essa é a reação dessa situação, que me fez ter a perda dos dentes. Mas quando a gente está nessa situação, um paciente tenta ajudar o outro, chamar alguém. E a resposta é sempre a mesma: “Ah, não. É problema de saúde dela. Pode deixar. É assim mesmo”. Mas não é! Ele está condicionando você a ficar daquela forma. Então, é muito doído, dói muito. Não só a perda física, mas a perda mental, a perda da informação. Então, antes, eu estava trabalhando, vivendo a minha vida. E, de repente, eu não consigo fazer mais nada e não tenho saída. Aí, se passaram mais de 20 anos nisso. E um dia, eu já não tinha mais a mamãe. Ela já tinha ido a óbito também. Aí, o meu irmão e a minha irmã foram, direto, lá no manicômio. Continuaram me visitando. Os meus familiares: a Tereza, o Luiz, o Francisco, a Aparecida. Enfim, na minha família, nós somos dez filhos. E aí, o que aconteceu é que me visitavam. Eu tinha uma sobrinha, que é do meu irmão, ela falava assim: “Tia Sônia, você não quer que eu fale com eles? Toda vez que eu vejo você, você não está bem. Eu não sei, não está bom”. Mas, gente, eu não tinha essa autonomia, nem de voz, eu não sabia nem falar. Era tudo enrolado, tudo preso. Vivía trêmula, babando, andava me arrastando. Não tinha vida. E o médico reuniu a família e disse: “Não. Não tem mais jeito. Não pode mais ir para casa”. Ele chegou para mim e disse: “Você é crônica. Você não pode mais ir para casa”. Eu falei: “Doutor, isso é resultado do tratamento que o senhor está me oferecendo”.

Hoje, o CAPS, ele traz uma nova alternativa. Então, depois que a minha irmã me tirou. Lá em 2009, eu fui para casa e eu não saía nem na porta. Eu tinha medo de tudo. A família tentando trabalhar e viver comigo. Conviver, não era possível. Ou era a cama ou era chão, assim. Eu deitava no chão, que eu estava acostumada com isso lá, encolhida. Não agia para comer e era dependente de tudo. Aí, depois de quase mais seis meses ali, naquela situação, uma médica da Secretaria de Saúde do São Bernardo do Campo veio à minha casa e me disse: “Hoje é o seu aniversário, Sônia. Eu sou médica, eu vim da Secretaria de Saúde, vim te visitar”. E começou a conversar comigo. Eu respondi: “Médica? Não. Isso é um anjo. Médica? O quê que está acontecendo? Médica aqui em casa...” Aí, ela começou a conversar comigo. Chamou o meu irmão e conversou. A minha irmã, conversaram: “Olha, a gente gostaria de oferecer um tratamento [no CAPS]”. O que eles fizeram em uma ... foi ver o que aconteceu com alguns outros pacientes que não saíram, porque a [Edilaine estava aí], foi batalhar lá dentro do Lacan, né Dila? Buscar o pessoal que, hoje, a gente... Depois, a gente... Disso eu ainda não sabia. Aí, eu aceitei ir para esse

CAPS. Então, a negociação demorou mais de um mês. E, hoje nós estamos ali no CAPS, Centro de Atenção Psicossocial. Então, quando eu cheguei lá, foi aí que eu encontrei todo esse pessoal que estava lá no hospital. Porque quando eu saí, eu falei: “Olha, eu tenho certeza que hoje nós vamos sair todo mundo”. Aí eles falaram: “Não. Não sai mais não”. Aí eu falei: “Sai sim”. Eles disseram: “Eu não tenho família”. Eu falei: “Mas Deus é bom”. E aí o que aconteceu é que é a surpresa. Quando eu cheguei no CAPS, eu encontrei todo mundo na sala de convivência ali e fui trabalhar no hospital. Então, estava tudo no começo, estava novinho. Ainda tinha algumas pessoas.

Como disse o pessoal, estava fazendo essa remoção, vindo para as residências terapêuticas. Depois, eu fui conhecendo. E eu sentava naquela salinha de convivência, acabou que assim foi indo olhando para todo o lado, o meu irmão ia me levar. Depois, disse que ia me buscar. “Será que ele vem mesmo? O quê que vai acontecer?”. E também eu não saía, medo, medo de tudo. E está na hora do seu remedinho, eu tomava, tem um almoço, tem isso. Mas dali eu voltava e ficava, não fazia nada. Aí eu falei: “Está. Aqui eu estou melhor”. Aí eu fui me refazendo. Aí o meu irmão vinha mesmo me buscar, chegava lá: “Sônia, está na hora de você ir”. E pegava na minha mão: “Vamos embora”. Eu falei: “Vamos”. E no outro dia... Então, todo dia da semana eu estava... Ainda hoje, gente, há quase sete anos, eu fui todos os dias no CAPS. Eu sou paciente HD. E graças a Deus e graças a todos vocês, que são valiosos, os profissionais que lutam junto com essa militância maravilhosa. Hoje eu sou uma militante também. Então, a gente foi melhorando, ali tinha reuniões, depois vinha a psicóloga, a psicóloga apareceu, depois que eu não precisava mais.

Aí foi isso, gente. Eu fui sendo tratada. O tempo foi passando e aí eu conheci ... Eu passei assim pela cozinha, tinha um... Pelo CAPS, o pessoal fazia assim uma... algo, docinhos, alguma coisa de culinária. Aí eu me interessei por aquilo, mas eu estava indo para a reunião da ajuda mútua...um grupo, algo de ajuda mútua. Então, eu me lembro da Elizabeth, a doutora Rosana, o senhor Osvaldo, tinha o doutor Dráuzio, mas não é o da televisão não, viu gente? Várias pessoas, o Leandro que ainda está e é advogado. Então, fazia essas grandes reuniões e eu comecei a participar, mas eu não estava entendendo nada. Aí eu escutava todo mundo falando, a gente começava a falar, nós não estávamos nem entendendo o que nós mesmos estávamos falando, fazendo. Eu sei que daí surgiu o seguinte fruto, eu passei a participar dessa culinária e desse grupo. Então, a proposta da culinária, desse grupo, que era uma geração de renda, você vai poder ganhar. O quê que a gente [pensa]? De fazer uns pratinhos na tarde, duas vezes, pelo menos, na semana, para vender para os próprios funcionários. Então, eu ia para o alimento e o outro ia receber.

Aí a gente foi e isso... Aí encontrei que o nome dela a Maria, que dentro do hospital era Joana D'Arc. Então, até o nome dela estava trocado, por isso que não ia sair. Ele falou: "O meu nome não é esse". E aí foi isso, gente. E hoje a gente... Nós estamos tudo junto. E desse grupão... Aí eu participei, ainda fiz uma culinária, fui saindo fazer um curso de culinária e não sei o quê, de... eu sou confeitadeira. E aí, depois, a gente começou a vender o pastel lá fora, tal. E aí fiquei mais um ano e aí o grupão foi avaliando, a gente foi querendo montar, então, uma associação. "Aí nós precisamos de associação. Porque todo mundo tem o mesmo sofrimento, vamos fazer". E assim foi e a gente recebeu também a visita do professor Eduardo Mourão e todos esses profissionais juntos nos ajudaram e, hoje, então, nós estamos dentro da Associação Mente Ativa. Então, até o nome nós escolhemos, que a gente ia falar lá, opinava sobre os objetivos e o que a gente precisava, tudo. E lentamente aí chegou o dia. Olha, a gente vai... Então, agora, vamos ter presidente, vice-presidente, primeiro e segundo secretário e uma diretoria a ser formalizada. Aí eu logo levantei a minha mão: "Eu quero ser a presidente".

[Risos].

E, hoje, nós estamos com quatro anos de Associação Mente Ativa junto com o tratamento. Eu ainda vou lá fazer o meu artesanato, eu vou lá na minha consulta com a psicóloga, vou na minha consulta com o médico, vou lá no [hospital Mário Covas] buscar o meu remédio. Eu conheci o doutor Tadeu lá do Ministério da Saúde. O ano passado fui lá na OPAS do Chile e foi muito bom. E aí a finalização desses quatro anos, a gente está formando uma nova diretoria que são mais oito componentes. Então, o André agora provavelmente será o presidente. Então, eu não posso mais do que isso. Aí eu falei: "Gente". Eu estou fazendo faculdade agora (risos). [Palmas]. Então, eu vou ficar como consultora agora da associação. É isso. E é um prazer estar aqui com vocês. A Prof.a Sônia Barros, todo mundo aqui que eu conheço. Eu conheci hoje, a gente se conheceu. Então, várias pessoas aqui. Então, é um prazer imenso. Na faculdade teve inclusão social no trabalho e eu fui peça do trabalho, além de ser integrante do grupo, eu estou no segundo semestre. Eu ganhei um computador. [Risos]. Um notebook. Porque o ano passado, antes de fazer o vestibular, eu fui fazer informática. E aí foi, a gente... Gente, a gente tinha uma roda de conversa no CAPS. Agora, a gente tem seis e a gente é militante. Essa PEC 55, a gente vai pegar ela pelas manifestações. Está bom, gente? [Palmas]. Eu gostaria de falar sobre a inclusão social da família, essa aqui é bem difícil. Porque quebra mesmo os vínculos. Embora a minha família me visitasse, a gente estava distante já, não tinha mais vínculo. Como eu disse, a minha sobrinha olhava mim: "Tia Sônia, eu posso falar com o médico". Ela estava com nove anos. Hoje, ela

já está casada, ela é formada, nós estamos no... Ela fez também administração. Então, a Luana, ela olhava aí o papai dela: “Mas o quê que é, Luana? O médico falou que ela precisa ficar mais um pouco”. Então, é o que o médico passa para a família. Então, até os olhos de uma criança dá para ver que isso não está certo, né gente? Então, quando a gente olha para isso, a gente vê que a inclusão da família é difícil. E quem perdeu mais ainda com isso e não está com um vínculo familiar, a gente faz essa roda de conversa e traz para a realidade. A residência terapêutica, ela traz esse vínculo, um vínculo em família, vem seis, sete pessoas, cinco pessoas em uma casa. Passa pela associação, vai no módulo do CAPS, a gente ali é uma grande família. Então, nós estamos... nós aqui somos, hoje, uma grande família. Por isso são laços que a gente vai atrelando e vai construindo, essa é a verdadeira luta do dia a dia. A luta seria essa unidade. Estarmos juntos sempre. Porque aí é que a gente pegar todos esses que estão contra e já haviam perguntado: “Mas será que no meio desses profissionais não tem algum que...”. Não é que não tem, tem muito. Então, fora é valente. E nós tivemos em 30 pessoas lá.

[Palmas].

Outra coisa que eu gostaria de falar é a respeito... Por que eu procurei uma psicóloga, um psicólogo? Eu achei que eu precisava falar. Como que ele morre em 15 dias dentro de um hospital. “Olha, daqui a 15 dias você vem fazer a visita para a mamãe, para eu ir no hospital”. O médico fez a mesma trajetória: “Olha, leva para o médico do hospital para ele avaliar”. Chega lá: “Olha, o senhor vai ficar. Olha, ele vai ficar. “Não. Porque ele vai ficar à vontade e tudo. Nós vamos... Daqui a 15 dias, vocês podem visitar. É protocolo, é um modo de atendimento”. Poxa, quando nós estávamos saindo de casa, parece que eram cartas marcadas. Quando a gente estava saindo para ir: “Ô, volta aqui, olha. Tem um telefonema do hospital, o papai foi a óbito”. Gente, que choque, que dor. Você não sabe, agora eu consigo falar, mas antes eu não conseguia, isso ficou... E depois ele veio em um caixão, todo sem cabelo, todo marcado. Então, o que foi aquilo? Uma tortura. Ou levou choque, sei lá o quê mais, o que mais que houve. E o meu cabelo não era diferente, era cortadinho bem curtinho, viu? Porque lá era o piolho, é isso, é aquilo.

Enfim, é todo mundo naquele sofrimento grande mesmo. Então, quando a gente olha a inclusão social da família, o psicólogo, que tem o... tem um profissional, mas ele não fala com a gente. Então, nós precisamos falar. O quê que é a roda de conversa hoje? O quê que o paciente faz? Aí eles olham para mim: “Você é profissional da saúde”. “Não. Eu não sou, eu sou uma paciente que tenho entendimento”. A gente tem dia, hora marcada, a gente tem um contrato realizado em cartório e nós temos uma sala de trabalho, sabe? Então, está aí, gente, a evolução. A gente senta: “Olha, esse espaço é nosso, dos profissio-

nais, é de todos nós, é da nossa família, é de todos nós. Vamos conversar?”. A gente tem roda de conversa. Gente, hoje, eu caminhei em cinco CAPS, nós estamos em seis. Seu Miguel, agora, é o secretário da associação, ele continua na associação, porque ele entrou em 2014. Então, a gente tem uma cartilha de orientação básica oferecida pelo professor Correa que, hoje, está trabalhando na UFRJ, do Rio de Janeiro. Ele é um professor de saúde mental, é terapeuta ocupacional. Então, ele levava os estagiários, se encantou com o trabalho e ficou e ele preparou todo um trabalho. Uma florzinha aqui, um trevinho, como que nós conseguimos isso daí virou o logotipo da associação? Em uma semana que era... que em outro... naquela semana seguinte que seria o dia das mães, então, a gente tem uma caixinha de ferramenta, nós fizemos uma caixa de ferramenta onde nós colocamos os temas que queríamos discutir. Então, um menino, então, até albergado que estava ali, ele tirou o tema família. E foi tão lindo, que nós falamos: “Na próxima semana é dia das mães. Gente, vamos fazer convitinhos para convidar as mães. E a gente vai fazer só o convite? Não. Vamos pôr um desenho ou um presente para essa família.” E aí, o que aconteceu é que... “Ah, vamos fazer uma florzinha, tudo igual”. Aí começamos a fazer trevinho, trevinho e fomos e fomos. Aí depois a gente descobriu que isso era um trevo, a gente fez lá tudo verdinho, a florzinha e 186 convites nós produzimos de cartolina. Depois, o presente em 2014 foi o logotipo da associação. E essa cartilha, o professor olhou dentro o que acontecia e ali ele retratou a reforma psiquiátrica, a cidadania que tem que percorrer o paciente com a lei 10.216. O protagonismo, a roda de conversa que é essa, que a gente chama interagir.

É isso. O território em um cenário do cuidado. Então, tudo o que está acontecendo também depois, depois disso a gente evoluiu mais cinco CAPS. Então, nós éramos uma, agora, nós somos cinco, seis. E a gente, agora no próximo ano, nós já vamos querer pedir um novo. E nessa posse desse prefeito já falamos: “Nós estamos aqui”. Final do mês queremos fazer uma audiência pública aqui nesse município. Nós queremos que eles nos conheçam e queremos conhecer o projeto que ele tem para a saúde mental. Qual o plano de governo dele. Entendeu? Não ir lá e falar: “Não. Então, eu tenho atendimento aqui com a minha psicóloga, uma vez por semana, eu a encontro. E aí a Taís conversa comigo maravilhosamente bem e é isso, a gente vai reconstruindo junto. E é com todo mundo assim, todo paciente tem o cuidado, tem a atenção e tem tudo. E no final do ano agora, a gente vai fazer a festa de natal. E a associação já ofereceu os ofícios, como sempre, para arrecadar também. É prazeroso a gente trabalhar junto. E a comunicação é uma coisa que vai muito acontecendo e também é a fé em Deus, que traz para a gente os anjos do céu. Então, vocês são anjos vindo do céu. Muito obrigada!